

Revista *EsQuina* e a experiência de uma releitura editorial *queer*

EsQuina magazine and the experience of a queer editorial rereading

Revista *EsQuina* y la experiencia de una relectura editorial *queer*

Recebido em: 23/09/2019

Aceito em: 10/08/2020

DOI: 10.46952/rebej.v10i26.338

RESUMO

Relata-se aqui a experiência de criação da revista *EsQuina*, um produto jornalístico inspirado nos preceitos do extinto jornal *Lampião da Esquina*, que circulou no Brasil entre 1978 e 1981. O periódico alternativo teve grande importância ao falar, à época, para uma audiência presa nos “armários sociais”, principalmente o público homossexual. Ancorada numa perspectiva dos estudos *queer*, tomando-a como mote para a elaboração de uma nova proposta editorial, *EsQuina* tem por objetivo elevar a comunidade LGBTQ+ à condição de protagonista de um meio de comunicação de massa, ampliando e atualizando os agenciamentos promovidos pelo *Lampião* há quatro décadas. Questões temáticas, aspectos materiais e discursivos são problematizados, cruzando temporalidades sociais, editoriais e jornalísticas, à fim de permitir o desenvolvimento de uma publicação inclusiva e democrática, que potencializa o jornalismo, suas formas de existência e atuação.

PALAVRAS-CHAVE

Lampião da Esquina.
Comunidade LGBTQ+.
Editoração. *Queer*. Revista *EsQuina*.

ABSTRACT

We report here the experience of creating *EsQuina*, a magazine inspired by the precepts of the extinct newspaper *Lampião da Esquina*, which circulated in Brazil between 1978 and 1981. The alternative periodical had a great importance when speaking, at that time, to a captive audience in the “social lockers”, mainly the homosexual public. Anchored in the perspective of queer studies, taking it as a motto of an editorial proposal, *EsQuina* aims to elevate the LGBTQ+ Community to the status of protagonist in a product of a mass media, expanding and updating the agencies promoted by *Lampião* four decades ago. Thematic issues, material and discursive aspects are problematized, crossing social, editorial and journalistic temporalities, in order to allow the development of an inclusive and democratic publication, which enhances journalism, its forms of existence and performance.

KEYWORDS

Lampião da Esquina. LGBTQ+ community. Publishing. *Queer*. *EsQuina* magazine.

RESUMEN

Reportamos aquí la experiencia de crear la revista *EsQuina*, un producto periodístico inspirado en los preceptos del extinto diario *Lampião da Esquina*, que circuló en Brasil entre 1978 y 1981. El periódico alternativo fue de gran importancia al dirigirse, en aquel momento, a una audiencia cautiva en los “casilleros sociales”, principalmente el público homosexual. Anclada en la perspectiva de los estudios *queer*, tomándolos como lema para la elaboración de una nueva propuesta editorial, *EsQuina* busca elevar a la comunidad LGBTQ+ al estatus de protagonista de un medio de comunicación, ampliando y actualizando las agencias impulsadas por *Lampião* hace cuatro décadas. Se problematizan aspectos temáticos, materiales y discursivos, atravesando temporalidades sociales, editoriales y periodísticas, para permitir el desarrollo de una publicación inclusiva y democrática, que potencie el periodismo, sus formas de existencia y actuación.

PALABRAS CLAVE

Lampião da Esquina.
Comunidade LGBTQ+. Mercado editorial. *Queer*. Revista *EsQuina*.

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



Frederico de M. B. Tavares

Doutor em Ciências da Comunicação e professor da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).
frederico.tavares@ufop.edu.br

Gabriel Rodrigues de Lima

Jornalista graduado e estudante do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade na Universidade Federal da Bahia (UFBa).
bielconbe@gmail.com

Igor Pereira Mattos

Jornalista graduado pela UFOP.
igormattospereira5@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Praticando um olhar mais atento sobre as mídias de uma maneira geral, é possível perceber a presença de personagens da comunidade LGBTQ+¹, seja nas novelas, seriados ou nos anúncios publicitários. Tais aparições, mais que uma “tendência” ou uma “evolução”, referem-se a disputas cotidianas entre representações possíveis de um grupo social, bem como a tensões que orbitam em torno de uma visibilidade – necessária – para a construção e transformação de uma sociedade na qual diversidade e igualdade sejam pilares éticos e incontestes de uma sociabilidade e de uma cultura.

Historicamente, esse feixe de relações entre campo midiático, gênero e sexualidades reflete de maneira ora indireta, ora direta, tal cenário conflituoso. O recente episódio sobre a apreensão de uma HQ na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em setembro de 2019, determinada pelo prefeito Marcelo Crivella, devido à presença de uma cena de “beijo gay” em uma das páginas do livro “Vingadores - A cruzada das crianças”², é apenas mais um exemplo do histórico de preconceito e estigmatização (sexual e de gênero) que habita as práticas diárias (BUTLER, 2002) de nossas instituições, incluindo aí, também, os próprios poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Os meios de comunicação, por isso, tangenciam esse contexto de exclusão e hegemonias, oscilando, de maneira contraditória, sobre posicionamentos acerca de temáticas sensíveis – e que caminham juntas no escopo de assuntos aqui referido.

Neste viés, o presente artigo tem como objetivo discorrer sobre a produção de uma revista que coloca a comunidade LGBTQ+ brasileira como pauta e audiência centrais, não fazendo valer apenas um projeto que considere aspectos técnicos e comerciais, mas também pensando o jornalismo como caminho possível para uma intervenção inclusiva na sociedade, encaminhando, editorialmente, um rol complexo de questões. Uma vez que a grande mídia vem, ao largo do tempo, representando tal comunidade a partir de referências balizadas por moldes heterossexuais (BAGGIO, 2009; DARDE, 2008), dentro desta perspectiva, tem-se, de maneira problematizadora, a busca por uma representação que trabalhe com as múltiplas possibilidades de identidades da comunidade LGBTQ+. Para tal, o ponto de partida deste trabalho foi o resgate analítico da cultura editorial do jornal de imprensa alternativa e homossexual, *Lampião da Esquina*. Com circulação entre 1978 e 1981, o jornal tinha dentro de suas páginas a possibilidade de leitura sobre uma comunidade que a grande mídia e a sociedade

¹ Para a elaboração do produto editorial aqui proposto, trabalha-se com a sigla LGBTQ+, entendendo-a como aquela que, pela presença do “+”, possui uma atualidade mais perene. Mais adiante essa questão será desenvolvida.

² No dia 05 de setembro de 2019, a Prefeitura do Rio de Janeiro notificou, por intermédio da Secretaria Municipal de Ordem Pública (Seop) e através de argumento distorcido, baseado os artigos 74 a 80 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a organização da Bienal do Livro, indicando que na obra “Vingadores - A cruzada das crianças”, da Marvel, apresentava-se o tema do homossexualismo (sic) a adolescentes e crianças. O prefeito Marcelo Crivella recomendou o recolhimento de todas os livros da feira. O acontecimento atingiu grandes proporções e sua cobertura (noticiosa e opinativa), bem como sua repercussão em instâncias governamentais, artísticas, entre outras, demonstram como o tema da sexualidade faz convergir valores e disputas morais na vida social, apontando não apenas para a presença de tais questões, mas também para argumentos e fatos que são atualizados por meio de sentidos e significados voluntariamente pensados ou não.

marginalizavam – e continuam marginalizando. Já na sua primeira edição, expunha sobre os moldes que iriam encaminhar seu posicionamento editorial:

Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, em pressionar válvulas de escape. Apenas lembrar uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. [...] Para isso, estaremos mensalmente nas bancas do país, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p.2).

O Lampião da Esquina foi pensado e elaborado durante a década de 1970 no Brasil, se encaixando nos moldes chamados de imprensa alternativa (KUCINSKI, 1991). Estas publicações pulsavam em contrapartida à censura e repressão à imprensa vigentes na época, quando tudo passava por uma análise do governo. Tendo em vista estes controles históricos, experiências de existir e resistir dentro de uma sociedade que ainda hoje oprime, criar um produto que traga a comunidade LGBTQ+, sem as amarras de estereótipos, com uma abordagem profunda e como protagonistas de suas próprias histórias, é algo atual e que deve dialogar com passados, presentes e futuros.

O espaço de publicações brasileiras para a comunidade LGBTQ+ transita entre os campos da militância, resistência e afirmação. Flávia Péret ao escrever o livro “Imprensa Gay no Brasil” (2012) produz um extenso resgate sobre revistas, jornais, fanzines e informativos que se preocupavam com a comunidade em suas páginas. Por exemplo, o jornal Snob (1963) a primeira publicação abertamente homossexual no país; Os Felinos (1967), que surgiu após o incômodo de Hélio Gato Preto – que fazia parte do jornal anterior – com a padronização de gênero impregnada nas páginas do próprio Snob; o Taradinho, que tinha uma linha editorial mais pornográfica e, por conta disso, teve uma vida mais curta; o Gente Gay (1976), considerado o primeiro de uma nova onda de publicações que marcaram o início de um movimento politizado de gays e lésbicas. Influenciadas pelas ideias de contracultura, vieram à vida ainda jornais como O Pasquim (1969), Flor do Mal (1970), Bondinho (1972), Ex (1973), Beijo (1977).

Posteriormente, nos anos 1980, houve o jornal lésbico Chana com Chana (1981), o Bolhetim lamaricumas (1981), além de outros, com datas de criação mais imprecisas, como o Bolhetim Amazonas, o jornal Xerereca, o Boletim Ponto G, bem como demais publicações que vem sendo elencadas em outros estudos (KUCINSKI, 1991; LIMA, 2001; RODRIGUES, 2007; SCHULTZ, BARROS, 2014; SILVA, 2016). Neste período também se lançou a revista Um Outro Olhar (1988). Por fim, e não menos importantes, já pós anos 1990, também circularam as revistas hipersexualizadas, como as extintas Aimé, G Magazine, Júnior e Sui Generis.

Mais recentemente, a presença de publicações produzidas pela e/ou para a comunidade LGBTQ+ apresenta uma diversidade de identidade, comunicação e audiência. Elas se encontram pelos meios digitais, como a Revista Memória LGBT e também oferecem edições impressas, a exemplo de: Lado A, Mais JR. e Brejeiras. E diante desta experiência, aqui relatada, as revistas *FEARLESS* e Híbrida merecem destaque. Ambas carregam em suas descrições a demarcação de serem magazines produzidas por pessoas da comunidade e reforçam a busca em dialogar para além do arco-íris. E por mais

que não se identifiquem estritamente como revistas *queers* (diferentemente da proposta da EsQuina abordada mais a frente) elas apresentam pautas, editoriais, estéticas e personas públicas comprometidas com a quebra de hegemonias e normalizações.

A revista EsQuina, diante desse cenário, mais que repetir êxitos ou dar conta de lacunas históricas, buscou (e ainda busca) abranger a comunidade *queer*³, abraçando-a fora de um modelo de reprodução, tentando trazer sua diversidade de seres e sua característica "terrorista"⁴ focada em desestabilizar as normas e padrões impostos como naturais. A partir de uma releitura do "Lampião", dada a sua relevância histórica e editorial, adotada durante um tempo de extrema censura, assim como a celebração de seus 40 anos de criação⁵, efeméride importante para pontuar perspectivas, questões e contextos, o projeto editorial de EsQuina pretendeu evidenciar realidades, narrar experiências, legitimar a multiplicidade de identidades e, principalmente, ocupar um espaço de visibilidade, promovendo discussões de maneira engajada, politizada e atual. Uma atualização que se quer relacional, não apenas temporal, também ligada a um agenciamento, a uma ação de articulação entre preceitos editoriais, elementos ético-estéticos e políticos.

A dinâmica da escolha do nome da publicação vem de uma atualização do título do jornal de origem, além de homenagear uma editoria deste, onde era publicada uma reunião de notícias. A própria palavra esquina garante uma variedade de significações, como o pensar daquilo que está de lado, à margem e não está dentro da perspectiva principal. Também há um significado dentro da própria formação: é um substantivo feminino. De certa forma, tira-se o peso do masculino do produto, de "o" jornal Lampião da Esquina, e transforma em "a" revista EsQuina. Uma mudança sutil em primeiro momento, mas que demarca, muito, o posicionamento do *nosso*⁶ projeto editorial:

³ *Queer* é um termo "guarda-chuva" proveniente do inglês, usado para designar pessoas marginalizadas da sociedade por não seguirem o padrão da heterossexualidade ou do binarismo de gênero.

⁴ "Um terrorista do gênero é qualquer pessoa que conscientemente e intencionalmente subverte, desestabiliza e desafia o sistema binário de gênero. [...] O fato é que, embora esse sistema devesse funcionar (e isso é discutível) para a maioria das pessoas, não funciona. Muita gente é atingida mental e fisicamente porque tentar calçar sapatos que não são os seus. Sou consciente de que a maioria de vocês prefere a estabilidade, especialmente quando se trata de gênero. O imperativo de binário exige que façamos uma escolha definitiva. Um sexo. Um corpo. Masculino ou feminino. Homo ou hétero. Yin e Yang". Depoimento de De La Grace Volcano, uma "terrorista do gênero", citado por Berenice Bento (2006, p. 84).

⁵ O ano de 2018 é também considerado a data de aniversário dos 40 anos do Movimento LGBT brasileiro, no qual o *Lampião* tem papel histórico e de destaque. Como afirma Quinalha (2018), "em particular, o ano de 1978 representou um marco fundamental na redemocratização do Brasil e na história do movimento LGBT. Isso porque, entre as diversas forças políticas que se engajaram nessas lutas democráticas como as mulheres e os negros, merece também destaque o então chamado "movimento homossexual brasileiro" (MHB). [...] Com efeito, no primeiro semestre de 1978, foi organizado em São Paulo o "Somos – Grupo de Afirmação Homossexual", coletivo pioneiro na articulação do MHB. Pouco tempo antes, havia começado a circular o já mencionado mensário *Lampião da Esquina*, a primeira publicação de abrangência nacional, claramente engajada nas lutas políticas travadas pela imprensa alternativa e feita por homossexuais para homossexuais. A partir do Somos, vários outros grupos foram organizados em diversas partes do país". Mais sobre os 40 anos do Movimento LGBTQ+ no Brasil ver: Soliva (2018).

⁶ Para a construção do presente artigo, *optamus* (o uso da letra "u" ou "e", em vários termos no presente texto, reivindica a possibilidade de falas inclusivas e transgressoras) pela utilização de uma linguagem outra para palavras que caracterizam o plural de pronomes, verbos e/ou substantivos, com intenção de promover uma comunicação com as pessoas não-binárias e coincidentemente diminuir a discriminação de gênero. Para melhor compreensão, recomenda-se conhecer: 1) "Manifesto Ile", lançado *pur Pri*

realizado por sujeitos sociais, buscando promover a adoção do feminino como gênero, como maneira de lutar contra a dominação masculina presente na própria linguagem.

Beatriz Sarlo (1992), em texto clássico, ao tomar as revistas como projetos editoriais coletivos, afirma um “espírito” que também indica os propósitos de uma outra passagem – material – do projeto editorial de EsQuina: do jornal à revista. Diz Sarlo (p. 9):

"Publiquemos una revista" quiere decir "una revista es necesaria" por razones diferentes a la necesidad que los intelectuales descubren en los libros; se piensa que la revista hace posible intervenciones exigidas por la coyuntura, mientras que los libros juegan habitualmente su destino en el mediano o el largo plazo. Desde esta perspectiva, "publiquemos una revista" quiere decir "hagamos político cultural", cortemos con el discurso el nudo de un debate estético o ideológico. La frase, cuya forma previsible es el plural, constituye el colectivo que suele quedar representado institucionalmente en una forma clásica: los consejos de dirección.

A escolha por “transpor” o jornal para uma revista, atualizando um produto no interior da própria cultura do impresso (uma forma de resistência dentro do cenário midiático amplamente digitalizado) está vinculada ainda a três outros pilares: 1) a potência estética e de leitura proporcionadas por sua materialidade; 2) a sua possibilidade de segmentação (fala com públicos específicos e é reconhecida como veículo para tal) e especialização editorial; e 3) sua face analítica sobre os tempos contemporâneos (VOGEL, 2013), permitindo pautas que atravessem temas específicos e de maneira mais engajada.

Assim, o objetivo defendido dentro do projeto editorial criado e do protótipo experimental da edição nº 07, desenvolvidos como Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto⁸, entre 2017 e 2018, foi o de oferecer um produto que (re)trata interesses da comunidade LGBTQ+, de maneira respeitosa e com olhares para as diversas identidades, cores, amores e amantes; desenvolvendo pautas que trouxessem elementos ligados à temática do universo escolhido e defendido nas seções, capítulos e editorias. Com um conteúdo diversificado e com propriedade e aptidão, dialogando com a comunidade, propõe-se que, *nosser leitories e nós*, possam(es) se ver refletidos em um objeto da cultura midiática e ali encontrar(mes) um local de reconhecimento.

Bertucci e o projeto SsexBoxx (Sexualidade Fora da Caixa); e 2) “Guia para ‘Linguagem Neutra’” (PT-BR) reestruturado por Ophelia Cassiano.

⁷ Durante o processo de produção da primeira edição, tomou-se contato com uma outra publicação universitária, de mesmo nome da revista que estava sendo produzida. A coincidência trouxe uma dúvida ao trabalho em desenvolvimento, mas optou-se, pelo caráter exclusivamente pedagógico da produção e pelo diálogo histórico com o jornal *Lampião da Esquina*, por se manter o nome *EsQuina*, bem como as demais características pensadas à revista em elaboração, todas elas fundamentadas e refletidas de maneira precisa. Vale, entretanto, ainda citar aqui a publicação homônima, produzida por alunos do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), em 2017, dando os devidos créditos: <<https://medium.com/esquinaonline/revista-esquina-on-line-f0521b5a273f>>. Há também outra revista, de mesmo nome, uma revista cultural potiguar, que pode ser acessada em versão digital: <<https://revistaesquina.com.br/>>.

⁸ Ver: <<https://jornalismo.ufop.br/?p=1854>>. Acesso em: 14 out. 2020.

2 O ACENDER DO LAMPIÃO: O PAPEL DO JORNAL

Para entender o Lampião da Esquina é necessário explicar o momento histórico no qual ele nasce. A edição número zero ganha as ruas em abril de 1978. Um período demarcado pela chamada “abertura” política do país, na qual havia a proposta de uma transição lenta e gradual para a democracia, em decorrência da perda de força da Ditadura Civil-Militar brasileira, instalada desde 1964 a partir de um golpe⁹.

A Ditadura marcou a sociedade brasileira com uma redução significativa de participação popular na política, resultado da exclusão de diversos direitos civis. O Ato Institucional-5, instaurado pelo Governo Militar em 13 de dezembro de 1968, aniquilou liberdades individuais, o Congresso foi fechado e começou-se uma perseguição mais forte com aqueles que eram contra o Regime Militar. Como a grupos formados por algumas instituições e organizações civil, que possuíram participação na luta contra os tipos de coibição e censura vigentes.

No campo da comunicação, o crescimento da imprensa alternativa no território nacional foi uma das formas de embate com o contexto militar, principalmente no pós-1968. De acordo com Kucinski (1991), ao longo do período ditatorial tivemos cerca de 150 jornais segmentados da imprensa alternativa circulando pelo país. O autor afirma que estes materiais costumavam ser vinculados a assuntos como as denúncias de abuso, violência e infração dos direitos civis.

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo, que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. Compartilhavam, em grande parte, um mesmo imaginário social, ou seja, um mesmo conjunto de crenças, significações e desejos [...] A medida que se modificava o imaginário social e com ele o tipo de articulação entre os jornalistas, intelectuais e ativistas políticos, instituíam-se novas modalidades de jornais alternativos (KUCINSKI, 1991: XVI).

115

Nesta leva de publicações com tal caráter, tem-se o acender do jornal Lampião da Esquina, com uma produção voltada para homossexuais, parcela da população altamente discriminada e sem voz audível perante os demais. Em uma reunião no apartamento de Darcy Penteado, um renomado artista plástico paulista, a luz é acesa a partir da idealização formada por um grupo de intelectuais homossexuais do Rio de Janeiro no ano de 1977. Seu time de componentes contou com a presença de jornalistas, poetas e cineastas, como Aguinaldo Silva, Adão Costa, Antonio Chrysóstomo, Clovis Marques, Gasparino Damata, João Antonio Mascarenhas, Darcy Penteado, Jean Claude Bernadet, Peter Fry, Francisco Bittencourt e João Silvério Trevisan.

As informações e perspectivas ali propostas foram traduzidas em um subsídio

⁹ A história do jornal, além de contada em diversos estudos (ver referências do artigo), foi também objeto do documentário “Lampião da Esquina”, lançado no Brasil em 2016, com direção de Lívia Perez. Há também muitos estudos sobre o periódico. Elencamos alguns deles aqui, que ajudaram na composição de nossa pesquisa histórica e documental: Amaral, Bertolli (2015); Bandeira (2006); Brito (2016); Ferreira (2012); Mariusso (2015); Silva (2016); Schultz, Barros (2014); Tanganelli (2019).

financeiro coletivo entre os próprios fundadores do jornal, para poder materializar a produção. Com a bandeira levantada para o questionamento social sobre o ser homossexual dentro do âmbito social e todas as liberdades que não eram garantidas a este grupo, o periódico teve um papel importante na história da imprensa gay brasileira. No decorrer dos seus anos de duração, entre 1978 a 1981, ele se mostrou importante para a construção da identidade pluralista nacional (FERREIRA, 2012). Em seu conteúdo, era possível ler sobre esta comunidade de forma diferente e mais direcionada, com um olhar na produção em que a ênfase era a de “tirar o gay das bordas da sociedade”. Não ficando somente nestes, mas abrindo o leque e abraçando a preocupação com outras minorias.

Sua proposta consistia em construir uma abordagem diferente de tudo que havia sido produzido no Brasil até o momento. Com uma linguagem diferenciada, suas publicações explanavam a necessidade de consciência e mobilização da comunidade gay nos diferentes espaços sociais. Vale lembrar que o *Lampião*, mesmo sendo voltado para o público homossexual, abriu espaço impresso para outras minorias. Representantes de grupos negros, índios e mulheres também publicavam nas suas páginas (SOTANA; MAGALHÃES, 2015, p.12).

Seu público leitor foi capaz de acompanhar o pulsar deste “jornalismo homossexual” ao longo de suas 38 edições, contadas desde a número 0. A circulação era mensal, com uma média de 10 a 20 mil exemplares em formato tabloide. Entretanto, diferente das demais publicações da imprensa alternativa que eram distribuídas de forma clandestina, o *Lampião* era vendido em bancas de jornal de grande parte do território nacional, de norte a sul do país. Ação que carrega uma comparação simbólica ao processo de “saída do armário”. Pois se alguém comprasse o jornal – que ficava escondido nas bancas – era como se estivesse assumindo à sociedade a sua orientação sexual ou sua posição sobre as temáticas publicadas (as capas eram com matérias chamativas e polêmicas).

Dentro do *corpus* do jornal, existia uma preocupação maior para matérias vinculadas ao comportamento, influenciadas pelo texto carregado de humor característico e ironias. A sua disposição estrutural era formada pelas editorias, nem sempre fixas (TANGANELLI, 2019): “Cartas na Mesa”, para onde eram enviadas cartas, contando sobre experiências sexuais, histórias amorosas, e que ao longo das edições se transformou em umas das partes mais populares do jornal; “Opinião” e “Esquina”, seções com um conteúdo de notícias mais densas, com matérias falando sobre as implicações que sofrem homossexuais (ou outras minorias) na sociedade, expondo casos de agressão, violência e demais complicações; “Literatura” e “Tendência” eram o espaço cultural, em seus textos os acontecimentos do mundo das artes, como contos, indicações de lugares para passeios, críticas literárias e de filmes; havia também a coluna de fofocas “Bixórdia”; e, por fim, “Reportagem”, parte principal das suas páginas, seção na qual a matéria de capa era vinculada, contendo entrevistas com personalidades homossexuais ou não-homossexuais.

3 COMUNIDADE LGBTQ+ E O QUEER DA QUESTÃO

Pensar a atualização do Lâmpião da Esquina – jornal voltado para homossexuais, e que algumas vezes produziu conteúdo voltado para outras minorias, como afirmam Sotana e Magalhães (2015) –, implica na compreensão de “um público” mais abrangente, atrelado historicamente ao movimento LGBTQ+ e sua complexificação.

Nos Estados Unidos, os movimentos “homos” ganharam força na década de 1960, período pós-guerra no qual, devido a situações presenciadas na 2ª Guerra Mundial, como desprezo e violações individuais, atentou-se para a necessidade de uma identidade em comum para grupos de gays e lésbicas, uma união em prol de suas causas.

Compreende-se que o período entre o final do século XIX até meados do século XX, mais precisamente na década de 60, foi marcado pela movimentação homófila (The Homophile Movement) ou pela cultura de pré-liberação gay. Nesse sentido, Chauncey (1994) ao descrever e analisar seu trabalho sobre a cultura gay em New York entre os anos de 1980 a 1930, expõe que a rotulação do comportamento homossexual e a posterior auto identificação de homens como “homens gays” somente aconteceria nos finais da década de 60, a partir do movimento da chamada Liberação Gay (The Gay Liberation Movement) (GOMES FILHO; MELO, 2014, p. 3).

Essas lutas de liberação encamparam e desenvolveram a busca pela superação da dicotomia das sexualidades. Foram (são), principalmente um atravessamento à heteronormatividade¹⁰, possibilitando a amplificação de identidades de gênero, evidenciando a importância de políticas identitárias e de um movimento que repensa o saber/poder na sociedade. Trazendo essa discussão ao domínio público, como o feminismo e os movimentos de liberação sexual dos anos 1960, o movimento homossexual reivindicou o exercício livre da orientação sexual e o seu tratamento como pauta social (CONDE, 2004).

A educadora Luana Molina (2011) demonstra como as nomenclaturas foram se readaptando no decorrer das pluralizações amadurecidas pelos movimentos. Nos anos 1960, nesse contexto, se organiza o primeiro movimento GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros), que marcou na história o dia 28 de junho de 1969. Nesta data, integrantes do movimento GLBTT se rebelaram contra as batidas arbitrárias que sofriam da polícia no Bar *Stonewall*, em Nova York. No ano seguinte, no primeiro aniversário da rebelião, 10 mil pessoas marcharam pelas ruas nova-iorquinas dispostas a lutarem por direitos, transformando a data no Dia Internacional do Orgulho GLBTT.

Dada a efervescência e poder dos movimentos sociais, décadas depois, na metade dos anos 1990, surgiu a sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes); porém enfatizava uma parte dos adeptos pela denominação simpatizantes, algo que acabou soando controverso. Molina (2011) aponta que no ano de 1998 adota-se a sigla GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), sendo que essa última abrangia travestis e transexuais e chegou a ser utilizada em diversas formas: GLTB, GLBTT, LGTB.

Somente em 2008, no Brasil, a sigla mudou de GLBT para LGBT (nomenclatura

¹⁰ Entende-se por heteronormatividade a afirmação de uma sexualidade normatizante heterossexual, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante e imoral.

frequentemente adotada pelas entidades governamentais). Uma mudança que visou reconhecer e privilegiar as lésbicas como uma forma de reparação à invisibilidade histórica pela qual foram submetidas.

Internacionalmente, a sigla LGBTI, que engloba as pessoas intersex¹¹, é mais empregada. Paralela a ela, em termos de movimentos sociais, outra denominação ganhou relevância: LGBTQ ou LGBTQI¹² – incluindo além da orientação sexual e da diversidade de gênero, a perspectiva teórica e política dos Estudos *Queer*. Essa integração de múltiplas identidades sociais e da sexualidade, por conta das manifestações e reivindicações, possibilita a individualidade de cada pessoa/comunidade. Assim sendo, as nomenclaturas são suscetíveis de mudanças. E por conta delas, adota-se o símbolo “+”, com o intuito de facilitar sua pronúncia.

Judith Butler (2003) reforça que se a sociedade deixasse de interpretar as identidades a partir de uma política derivada de “sujeitos prontos”, uma nova configuração do sexo e do gênero iria proliferar; articulando, assim, discursos que denunciariam a não naturalidade – binarista – dos gêneros (BUTLER, 2003). Por isso, vê-se EsQuina como uma revista da comunidade LGBTQ+. Uma publicação que se deleita e se delinea no Q (*queer*) da nomenclatura.

A pesquisadora Nikki Sullivan (2003), ao parafrasear a professora Gayatri Gopinath e sua explicação sobre *Queer*, permite um entendimento sobre o conceito e seus contornos. Para ela, o *queer* relaciona-se a sujeitos e subjetividades diaspóricas, que contrariam ou desafiam as articulações das “diaspóricas dominantes” da sociedade e seus padrões de identidade, tensionando a lógica nacionalista do patriarcado e da heteronormatividade. E é esta contradição que guiou nossa EsQuina. Expandir criticamente, desmarginalizando, o entendimento sobre um comportamento heteronormativo e sua compreensão sobre sexo, gênero, sexualidade, sociabilidade e a relação entre elas (SULLIVAN, 2003). É preciso entender homens, mulheres, *two spirit*¹³, não-binárias, travestis, como verdades da realidade social e não estabilizar padrões sociais.

Para a revista EsQuina foi de grande importância abarcar as demais possibilidades de gênero, não ficando apenas com o gay no centro da narrativa, como ocorrera 40 anos atrás. Desviar de uma identidade natural (cis homem/cis mulher), de definições de práticas (heterossexual/homossexual). Falar sobre corpos que resistem contra as construções colocadas como “normais” ou “anormais”: mulheres de barba, transbichas sem paus, as sapatas, as bixas, etc (PRECIADO, 2011). Direcionamento este que vai ao encontro do papel de combater a LGBTQfobia, expondo e lutando contra o

¹¹ Intersex é um termo que descreve pessoas nascidas com uma das mais de 30 variações na anatômicas de sexo resultando em corpos nem masculinos ou femininos (internas e/ou externas).

¹² Há ainda a sigla LGBTQIA, definida pelo Programa Diversidade USP da seguinte forma: “LGBTQIA é a sigla para definir Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, queer (atua com a ideia que abrange as pessoas de ambos os gêneros que possuem uma variedade de orientações, preferências e hábitos sexuais, ou seja, um termo neutro que possa ser utilizado por todos os adeptos desse movimento), Intersexo (pessoas em que a sua característica física não é expressa por características sexuais exclusivamente masculinas ou femininas) e assexual (pessoa que não possui atração sexual nem por homens e nem por mulheres ou que não possua orientação sexual definida).” Fonte: <<http://prceu.usp.br/uspdiversidade/o-que-e-lgbtqia/>>. Acesso em: 14 out. 2020.

¹³ Trata-se de uma identidade construída nos gêneros não-ocidentais. Antes da colonização, os *two spirit* (pessoas dois-espíritos incorporando masculino e feminino) foram documentadas em mais de 130 tribos, em todas as regiões da América do Norte, como aponta Will Roscoe e seu trabalho “*The Zuni Man-Woman*” (1991).

preconceito, com problematização, esclarecimento e informação. Mais que isso, a luta contra uma nação que, cultural, social e legalmente violenta corpos desviantes de uma normalização, desenhando-os como um pecado, uma imoralidade (MOTT, 2003).

Reforça-se ainda o intuito de não promover apenas um reconhecimento de diferenças sexuais/de corpos, mas sim uma multidão de potências de vida (PRECIADO, 2011). Capacitando o agir para uma “aprovação” social destas múltiplas vidas. Portanto, a escolha por uma mirada editorial *queer* explana e registra a vontade em promover uma quebra múltipla: seja na comunicação da revista por conta do vocabulário e linguagem desta comunidade¹⁴; no reforço/esforço de reconhecer e validar múltiplos corpos; e na valorização de uma “teoria do cú”¹⁵.

A comunidade LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros, *Queer* e outros) é a face a ser requisitada. Suas, ou melhor dizendo, nossas relações e dimensões, como mote editorial de luta por compreensão e direitos, deram a perspectiva de criação de um vínculo jornalístico, ético e material, onde representatividade, inclusão, diversidade e direitos ocuparam a ordem do dia.

4 REVISTA ESQUINA: RELEITURA E SINGULARIDADE

Recriar uma obra requer entender o produto em que se busca inspiração; um conhecimento prévio dos originais e de seus criadores: sua biografia, tema da obra, técnica utilizada, entre outras coisas.

Releitura no âmbito do Fazer Artístico significa fazer a obra de novo, acrescentando ou retirando informações. Não é cópia. Cópia é a reprodução da obra. Rer ler uma obra subentende adquirir conhecimento sobre o artista e a contextualização histórica. É uma nova visão, uma nova leitura sobre a obra já existente, uma nova produção com outro significado. O produto final da releitura pode levar ou não ao reconhecimento da obra escolhida. Rer ler é interpretar a obra, é colocar sua visão de mundo, suas críticas, sua linguagem e suas experiências sobre a obra escolhida (RANGEL, 2004, p.48).

Durante os seis meses de análise e compreensão das edições digitalizadas¹⁶ do jornal Lâmpião da Esquina e de seus respectivos estudos críticos, período de elaboração de *nossu* projeto editorial, por diversas vezes foi possível relacionar os temas abordados ao cenário contemporâneo. Por conta deste sentimento de descoberta e proximidade, na hora de planejar a revista EsQuina, não se perdeu de vista a ideia de homenagear o jornal e seus autores, bem como a história da comunidade LGBTQ+.

¹⁴ Conhecido como “Aurélia”, uma alusão ao “Aurélio”, de Aurélio Buarque de Holanda, o dicionário contém 1.300 verbetes que buscam explicar as expressões da comunidade LGBTQ+ no Brasil. A linguagem também é conhecida como “Pajubá”, um conjunto de palavras de origem africana e utilizado pelas religiões afro-brasileiras que são relativamente abertas a comunidade. Disponível para consulta em: <<https://gepss.files.wordpress.com/2011/04/aurelia.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2020.

¹⁵ Teoria também definida como “Teoria Cucaracha” pela antropóloga Larissa Pelúcio (2014) no seu artigo “O Cu (de) Preciado” onde aponta que “cucarachas”, baratas em espanhol, era uma expressão pejorativa utilizada para nomear as/os imigrantes no norte da América. Ela explica como o termo torna-se uma ferramenta de luta teórica, por conta da sua re-apropriação, que se politizou igual ao termo *queer*.

¹⁶ Disponíveis em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 16 out. 2020.

produzindo uma releitura que foi significada em “um processo de liberação do discurso. [...] uma tomada de consciência crítica” (SANT’ANNA, 1995, p. 31). A escolha por uma revista, nesse sentido, também buscou promover um encontro de projetos editoriais e de temporalidades, convergidos também pela releitura do próprio significado da imprensa alternativa¹⁷. A mistura entre a revista e suas potencialidades, com a questão *queer* e suas complexidades, tanto faz emergir questões jornalísticas (históricas, inclusive) quanto questões sociais.

A revista [como produto] se mostra, afinal, como caleidoscópio em que imagens, antes separadas, se justapõem, se alternam, se multiplicam, numa reconfiguração constante daquela que seria, em termos benjaminianos, a experiência do tempo, que é em tudo diferente da vivência perceptiva do presente (VOGEL, 2013, p.18).

Nesse viés, demandas sensíveis da comunidade LGBTQ+ ganham densidade e anunciam um desafio editorial (ainda) de grande atualidade. A opressão e a violência, por exemplo, enfrentadas diariamente por esses *sujeitos*, é um problema político e cultural. Não haveria como, por exemplo, uma imprensa alternativa, não hegemônica e de nicho, da qual EsQuina é representante, se furtar de enfrentar tal questão.

O Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, realizado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos em 2013, concluiu que

a violência contra a população LGBT no Brasil é uma realidade, o que exige que não só os governos Federal, Estaduais, Distrital e Municipais aprimorem as políticas públicas eficazes e articuladas para o enfrentamento dessa violência, como também articulem um esforço com toda a sociedade brasileira contra esse grave quadro de violência no Brasil (BRASIL, 2013, p.77).

120

Por mais que com o passar dos anos certas mudanças fossem presenciadas, há muito ainda o que se combater em nossa sociedade. O Brasil é o país que mais mata – na maioria dos casos, brutalmente – pessoas trans no mundo, como aponta estudo (referente a 2019) da Associação Nacional de Travestis e Transexuais¹⁸ (ANTRA). O Grupo Gay da Bahia, organização que realiza um estudo da violência contra a comunidade LGBTQ+ através da veiculação midiática, apontou que, em 2017, Minas Gerais – local de produção da EsQuina – ocupou a segunda posição no ranking de violência

¹⁷ Trabalhamos aqui com uma espécie de atualização do conceito de “jornalismo alternativo”, tal qual proposto por Oliveira (2009, p. 06): “A práxis jornalística alternativa tem como perspectiva a reconstrução da esfera pública a partir dos valores da igualdade de oportunidades, da equidade, da democracia radical e da subordinação dos interesses econômico-privados aos interesses coletivos. [...] que passa pela abertura dos espaços midiáticos a todos os segmentos sociais, rompendo com o cerco da agenda de fontes oficiais; pela plena referência na produção das informações no sujeito-cidadão e não no sujeito-consumidor”. Como explica Bona (2017), que também cita Oliveira (2009), o conceito “clássico” de “jornalismo alternativo” possui íntima relação com o contexto da Ditadura Civil-Militar no Brasil, sendo importante atualizar os seus sentidos, o que não significa negar os seus preceitos de tensionamento em relação a uma imprensa “padrão” ou “hegemônica”.

¹⁸ Levantamento disponibilizado no formato de um mapa interativo, disponível em <<https://antrabrazil.org/2020/01/29/lancado-dossie-sobre-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2019/>>. Acesso em: 16 out. 2020.

contra a comunidade¹⁹. Realidade esta que permeia fortemente os anseios críticos da publicação. A população LGBT+ mineira e brasileira, como um todo, precisa estar nos meios de comunicação. E proteger-se. É preciso manter o grito por direitos das mais diversas formas. Seja nas ruas ou nas mídias, que por tempos, insistem em transmitir apenas dois perfis específicos em seus veículos.

os dados demonstram que a mídia tem privilegiado noticiar as violações contra dois grupos muito específicos: 1) travestis e transexuais quando se encontram em situação de prostituição de rua e 2) homens gays, quando estes são vitimizados por circunstância do exercício de sua (homo)sexualidade (BRASIL, 2013, p. 77).

Fazendo um recorte ao próprio Lampião da Esquina, pode-se dizer que foi um jornal que relativamente retratou mais o gay homem do que a gay mulher, mas que possui em seu “sangue” a resistência, uma característica construtiva dos “nânicos”²⁰. E que vem como uma marca para *nós* também. Pois, EsQuina é filha de uma resistência, que é fruto de uma existência; ou melhor dizendo, várias existências. Marca essa somada visualmente às capas do Lampião e suas explorações criativas, que iam desde apresentar diversas tipografias, diagramações, cores e ilustrações a preservar sua identidade (logo) – elementos que orientaram *nossa* processo de criação.

Este amplo cenário conduziu a escolha por uma *magazine*, pois este meio de comunicação detém uma relação diferenciada com a atualidade. Ela permite que se enuncie o mundo de agora, um lugar que sofreu mudanças – sempre e de forma conflituosa – em diversas realidades relacionadas à comunidade LGBTQ+, visto que:

Nas revistas essa abrangência espacial e temporal situacionalizada em sua identidade nos propõe uma reflexão sobre sua especialidade e seu caráter jornalístico. Perceber e compreender seu espaço e tempo nos ajuda a situar, do ponto de vista das realidades jornalística, social e “revistativa” [...] para as quais se voltam, tanto o reconhecimento de um contexto – que orienta seus conceitos editoriais e é evocado pelos sentidos que permeiam os assuntos abordados - como o enredar de uma série de práticas no tempo e espaço de sua produção, incidindo sobre modos de fazer e dizer sobre o mundo (TAVARES, 2013, p.82).

É por intermédio desses modos de fazer e dizer sobre o mundo que nas páginas de EsQuina percorreu-se o desejo de publicar um conteúdo o mais representativo possível. O editorial (texto de abertura) da primeira edição e o projeto editorial (como um todo) abordam temáticas que estão vivas no cotidiano da população inserida neste contexto, mas também cumprem seu dever de informação, orientação e conhecimento para a comunidade não LGBTQ+. A revista abrange pautas como homofobia, projetos sociais, educação sexual, comportamento e identidade, cultura, etc. Seu perfil editorial foi elaborado, inicialmente, para atender o público jovem, com uma linguagem mais irreverente, que converse diretamente com essa camada da sociedade. Acreditando que tal parcela, em proporções, esteja mais envolvida tecnologicamente com a leitura

¹⁹ Informações detalhadas na página: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>>. Acesso em: 12 out. 2020.

²⁰ Nome dado aos folhetins alternativos que circularam contrários ao regime militar, utilizando-se humor ou da ideologia, para expressarem suas discordâncias (KUCINSKI, 1991).

virtual e suas estéticas (mesmo quando incorporadas ao impresso), com as palavras populares oriundas do Pajubá e também antenada para com as reivindicações e transformações corporais/estéticas/identitárias atuais.

Tais escolhas foram feitas para conseguir atrair a população LGBTQ+, mas também potencializar seu universo à população em geral, mesclando, pelo viés do público, assuntos que possuam um mote de atualidade e “frescor”. Houve também uma aposta na vivacidade e pluralidade visual, buscando acabar com estereótipos que os meios de comunicação carregam quando abordam a comunidade e sua cultura.

O eixo mais influenciador na concepção da revista foi a letra Q. Ela está presente no nome, na segmentação, na simbologia da capa, na construção das páginas e seções. A letra Q revela seu posicionamento e identificação com a comunidade *Queer*, cujos integrantes são as grandes protagonistas da revista e suas páginas.

Na capa, prevista para ser sempre composta por uma fotografia ou ilustração de uma personagem (diretamente ligada a seção da revista destinada a entrevista ou ao ensaio fotográfico), a imagem dialoga com a letra. A personalidade central que estampa(rá) a primeira página é apresentada com a língua de fora, em apologia à “perninha” da letra Q e ao próprio significado que o ato carrega. Mostrar a língua, na cultura nacional, é um ato de liberdade, rebeldia, intimidação; um tipo de protesto cotidiano, um tipo de contestação trivial e simbólica contra qualquer tipo de opressão. Tornar este ato como identidade da revista é propor uma representação da comunidade que não busca se identificar com os padrões impostos na sociedade. Uma semelhança com o ensaio do fotógrafo mineiro Arthur Omar (1997) e sua obra “Antropologia da Face Gloriosa” – na qual se buscou representar as faces das pessoas em êxtase durante a comemoração carnavalesca, confrontando as representações hegemônicas, fugindo à normalidade dos corpos²¹.

Já a contracapa é composta por outra imagem da mesma personalidade, mas em uma posição diferente, descontraída, exibindo para além do seu rosto como foco. Por fim, a capa também traz uma palavra riscada, que tem relação com a personagem. O risco é justificado a partir de um ponto de vista no qual a palavra será uma expressão que, socialmente, as pessoas associam ao perfil da personagem. A proposta é trazer uma dualidade da própria palavra com a matéria construída dentro da revista, reforçando mais uma vez o ponto irônico no qual a EsQuina irá se apoiar. Qualidade esta fortemente expressada na identidade do Lampião que, sem abandonar o humor, o vocabulário gay, a ironia e o sarcasmo, oferecia uma construção positiva da identidade gay (PÉRET, 2012).

Como já defendido, uma das características da revista é a sua linguagem, inspiração advinda do próprio Lampião que, em sua construção, utilizou-se de palavras excêntricas, ou melhor dizendo, de linguajares pertencentes à comunidade LGBTQ+ para comunicar-se com ela mesma. A comunidade *queer* possui em seu vocabulário palavras e terminologias, oriundas do Pajubá, que são utilizadas *pelus* participantes

²¹ Esteticamente, a capa também se referenciou na proposta da revista inglesa *I-D*, na qual todas as personagens de capa são fotografadas com um dos olhos tampado. Tal repetição cria um índice de identidade editorial e ao mesmo tempo cria um sentido sobre os conteúdos de cada edição, “envolvendo-os” junto aos fotografados. Ver o arquivo com a coleção digital das capas das versões impressas em: <http://covers.i-d.co/> Acesso em: 16 out. 2020.

para comunicarem-se entre si. Trazer essa característica para EsQuina é uma ação preocupada em expandir e identificar as protagonistas deste produto.

O sumário – chamado de “Quarto olho” também é composto, visualmente, pela influência da letra Q. Ele é diagramado simbolizando a própria letra, através apenas de imagens – que correspondem aos assuntos tratados - acompanhadas dos números respectivos de suas páginas.

IMAGEM 1 – EXEMPLO DE SUMÁRIO DA REVISTA ESQUINA



Fonte: Projeto editorial revista EsQuina (LIMA; MATTOS, 2018)

A *magazine* é composta por 14 editorias, escolhidas pelo perfil de consumo e produção da publicação, todas nomeadas com palavras iniciantes com a letra Q, seguindo a identidade adotada na construção da publicação. O “Quadro 1” (ver no texto) situa o nome da editoria e qual assunto ela aborda, explicando sua relação com o nome.

O editorial é intitulado “Quebra”. Em razão de visualizar-se EsQuina como uma revista que prima pela libertação dos moldes de construção social da identidade, que se utiliza de uma diversidade de cores, tipografias, grids, *layout's*, personagens – para promover uma representação social cada vez mais diversa.

Todo o trabalho desenvolvido para a construção do projeto e da edição piloto – as editorias, textos, fotografias, ilustrações e diagramação – reflete o desejo de uma melhor visibilidade da comunidade LGBTQ+, aliada a uma releitura do Lâmpião da Esquina. A escolha de cada pauta na edição 0 (zero) reflete sobre processos sociais e políticos pelos quais o país, o mundo e a comunidade LGBTQ+, neles inserida, está atravessando. É adotando discussões como disforia de gênero, homofobia, representação em telenovelas brasileiras e na mídia em geral, infecções sexualmente

transmissíveis entre lésbicas, dentre outros, que a revista narra o território pelo qual quer transitar.

QUADRO 1 – RELAÇÃO DE EDITORIAS DA REVISTA E SEUS ASSUNTOS

Editoria	Assunto
Quotidiano	Depoimentos do Leitor
Quem	Entrevista
Questionar	Comportamento/Identidade
Quiabo	Alimentação/ Saúde
Quadrada	Política
Quenga	Ilustrações Eróticas
Quarteirão	Matéria Principal
Quadro	Ensaio fotográfico
Quintais	Cultura/Artes
Quatro-Olhos ²²	Geek/Tecnologia
Queda-Livre	Turismo
Queima-Roupa	Moda
Queixa	Coluna de Opinião
Quimera	Crônica

Fonte: Projeto editorial revista EsQuina (LIMA; MATTOS, 2018)

Com um pensamento questionador, jovial e ao mesmo tempo dinâmico, todas as matérias, com a presença *dos colaboradores*, apresentam enfoques voltados para a comunidade LGBTQ+, pensando nos interesses específicos *dos leitores*, diversificando e balanceando os assuntos. A revista sempre lidará com pautas de grande abrangência temática, com possibilidade de angulações atemporais e dinâmicas, indo ao encontro de sua pensada circulação trimestral.

A leitura da primeira edição e a compreensão do projeto editorial pretendem-se como a síntese resistente e pedagógica (no significado e no fazer) de uma produção realizada em um espaço marcado por discursos de poder que excluem e produzem ignorâncias que alimentam a LGTBQfobia.

Logo (re)tratar essa comunidade – com todas as suas questões de raça, sexualidades, identidades e suas esferas (econômica, histórica e cultural) – permite que potencializem-se seres “queerzantes” e suas subjetividades para além dos muros da universidade. Além disso, potencializa-se pensar o próprio jornalismo, para além de seus esquadros ritualísticos, cujas identidades profissionais, historicamente, carregam a reprodução de estigmas, estereótipos e, por que não dizer, a busca velada e/ou explícita por uma ordem social que, na verdade, significa a manutenção de uma mesma hegemonia na sociedade. Revisitar, assim, um produto jornalístico e criar outro, de forma

²² Durante a escolha do nome para tal editoria, houve a preocupação de que esta nomenclatura gerasse uma confusão para com o nome escolhido para o sumário (Quarto Olho), por conta da semelhança semântica entre elas. Contudo, pensando na força simbólica, culturalmente construída, que a expressão do sumário detém para com a temática abordada, decidiu-se por mantê-la.

crítica e propositiva, é também um aprendizado com o jornalismo e contra ele. Uma tensão necessária e cada vez mais urgente.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Muriel; BERTOLLI, Claudio. "Qual é o crime desse rapaz?": resistência e discurso no jornal Lâmpião da Esquina. **Estudos em Comunicação**, nº 18, 53-76, Maio de 2015. Disponível em: <<http://ec.ubi.pt/ec/18/pdf/n18a04.pdf>>. Acesso em: 10 Mai. 2018.

BAGGIO, Adriana. A temática homossexual na publicidade: representação de estereótipos. **Anais do XXXII Congresso da Intercom**. Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1146-1.pdf>>. Acesso em: 12 Abr. 2018.

BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?:** Sobre quando Lâmpião da Esquina colocou as Cartas na Mesa. 129 f. Dissertação [Mestrado em História] – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.

BONA, Nivea Canalli. Análise da presença dos conceitos de jornalismo e de alternativo no site Carta Maior. **Pauta Geral - estudos em jornalismo**, v. 4, p. 53-72, 2017. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br//index.php/pauta/article/view/9910>>. Acesso em: 11 Out. 2020.

BRASIL. **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil:** ano de 2013. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013.

BRITO, Alexandre Magno Maciel Costa e. **O lâmpião da esquina:** uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981). 137 f. Dissertação [Mestrado em História] – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan:** sobre los límites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires: Paidós, 2002.

CHAUNCEY, George. **Gay New York:** geder, urban culture, and the making of the gay male world 1980 - 1940. New York: Basic Books, 1994.

CONDE, Michelle Franco. **O movimento homossexual brasileiro:** sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania. 2004. 351 f. Dissertação [Mestrado em Sociologia] – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

DARDE, Vicente W. S. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. **Em Questão**. Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 14, n. 2, p. 223-34, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/3109/4731>>. Acesso em: 18 Set. 2017.

FERREIRA, Carlos. Imprensa Homossexual: surge o Lâmpião da Esquina. Revista **Alterjor**, América do Norte, 1, set. 2012. Disponível em: <<http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/article/view/aj1-a6>>. Acesso em: 03. Jan. 2017.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; MELO, Miguel Ângelo Silva. Análise Histórica do movimento LGBT Mundial: do movimento homófilo à liberação gay nos Estados Unidos. In: **Anais do X Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidade**. Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, Campina Grande-PB, 2014.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Edição experimental número zero. Rio de Janeiro, abril de 1978. Disponível em <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2016/01/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-19781.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2017.

LIMA, Gabriel Rodrigues de; MATTOS, Igor Pereira. **Revista EsQuina**: uma nova leitura sobre o Lâmpião da Esquina (Produto Experimental). 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso [Graduação em Jornalismo] – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

LIMA, Marcus Antônio Assis. Breve Histórico da Imprensa Homossexual no Brasil, **Revista Cronos**, Pedro Leopoldo, p. 21-30, 2001.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. **Lâmpião da Esquina**: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981). 212 f. Dissertação [Mestrado em História] – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

MOLINA, Luana Pagano Peres. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. **Antíteses**, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>>. Acesso em: 12 Jun. 2019.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade**: mitos e verdades. Salvador: Ed. Grupo Gay da Bahia, 2003.

OLIVEIRA, Dennis de. Jornalismo alternativo: o utopismo iconoclasta. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/dennis_de_oliveira.pdf>. Acesso em: 12 Out. 2020.

OMAR, Arthur. **Antropologia da face gloriosa**. São Paulo: Cosac Naify, 1997.

PELÚCIO, Larissa. O Cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o *queer* no Brasil. Um texto do artigo “Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?”, in Revista **Periódicus**, v. 1, nº 1, p. 43-67, mai./out., 2014.

PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil**. Ed. Pubifolha, São Paulo, 2012.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*. notas para uma política dos “anormais”. Traduzido por Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveira a partir do texto original em francês, publicado em 2003 na revista *Multitudes*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr., 2011.

QUINALHA, Renan. O movimento LGBT brasileiro: 40 anos de luta. Dossiê Cult. São Paulo: **Revista CULT**, edição 235, junho 2018. Disponível em: <<https://revista-cult.uol.com.br/home/dossie-o-movimento-lgbt-brasileiro-40-anos-de-luta/>>. Acesso em: 12 Ago. 2018.

RANGEL, Valeska. Releitura não é cópia: Refletindo uma das possibilidades do fazer artístico. Revista **Nupear**/Universidade do Estado de Santa Catarina. Núcleo Pedagógico de Educação

e Arte, v.3, n.3, set.2004. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupe-art/article/view/2534>>. Acesso em: 16 Abr. 2017.

RODRIGUES, José Luís Pinto. **Impressões de Identidade: Histórias e Estórias da Formação da Imprensa Gay no Brasil**. 2007. 124 f. Tese [Doutorado em Letras] – Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2007.

ROSCOE, Will. **The Zuni Man-Woman**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1991.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, paráfrase & cia**. São Paulo: Ática, 1995.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. In: **América: Cahiers du CRIC-CAL**, nº9-10, 1992. Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970. p. 9-16.

SCHULTZ, Leonardo; BARROS, Patrícia M. O lampião da esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 15, n. 36, p. 49-63, jan./abr. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22452/0>>. Acesso em: 14. Jun. 2018.

SILVA, Daniel Henrique de Oliveira. **Lampião da esquina: lutas feministas nas páginas do "Jornal Gay", luzes em tempos sombrios (Brasil, 1978-1981)**. 2016. 155 f. Dissertação [Mestrado em História] - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SOLIVA, Thiago B. "A confraria gay: um estudo sobre a trajetória da Turma OK". In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; FERNANDES, Marisa; CAETANO, Márcio (orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda Editorial, 2018. p. 121-135.

SOTANA, Edvaldo Correa; MAGALHÃES, Mellany Oliveira. Ativismo político em traços de humor: as charges veiculadas no jornal O Lampião da Esquina (1978-1981). **Albuquerque – revista de história**, vol. 7, n. 13. jan.- jun./2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/2927>>. Acesso em: 14 Ago. 2018.

SULLIVAN, Nikki. **A Critical Introduction to Queer Theory**. Edinburgh University Press, 2003.

TANGANELLI, Larissa de Rezende. **Há perigo na esquina: discursos dissidentes do jornal Lampião**. 424 f. Dissertação [Mestrado em Antropologia Social] – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Revista e identidade editorial: mutações e construções de si e de um mesmo. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 76-92.

VOGEL, Daisi. Revista e Contemporaneidade: imagens, montagens e sua anacronias. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 17-26.